

INTRODUÇÃO

Gosto da palavra afeto, pois significa algo cotidiano.

- Mary Wollstonecraft

Eu tenho uma paixão pelos amigos.

- Sócrates em Platão, *Lysis*

Filosofar é o processo de fabricar sentido a partir da experiência.

- Suzanne Langer, *Philosophical Sketches*

... mas eu vos digo

o que quer que ameis, sois

- Sappho

Este é um livro sobre mulheres reunidas. Mulheres reunidas não são mulheres sozinhas.

Heterorrealidade, a visão de mundo segundo a qual a mulher existe sempre em relação ao homem, tem, consistentemente, percebido mulheres reunidas como estando sozinhas. Muitas versões desta heterorrealidade tomam mulheres de assalto em nosso dia-a-dia. Lily Tomlin, com sua perspicácia, "ilumina"¹ uma dessas versões: "Eu vi, de verdade, um homem abordar um grupo de quatro mulheres, sentadas em um bar, e dizer 'Ei, o que vocês estão fazendo aqui, sentadas tão sozinhas?'"². A percepção é de que mulheres desacompanhadas de homens são mulheres sem companhia e sem companheirismo.

Ou então: considere o exemplo de duas mulheres que saem para comer em um restaurante. Meia hora se passa e elas ainda não foram atendidas. Elas observam que as pessoas ao seu redor - mulheres acompanhadas por homens - chegaram depois delas e já estão sendo atendidas. Quando comunicam ao garçom que estão esperando há muito tempo, ele diz "Poxa, eu não tinha visto vocês". A percepção é de que mulheres reunidas são invisíveis - portanto, não são percebidas.

Uma terceira versão da heterorrealidade apareceu na revista *New York Times Sunday Magazine*, alguns anos atrás, em um artigo intitulado "Em homenagem à velha Nuntucket". O artigo havia sido escrito por uma mulher, e boa parte dele era devotado à história da ilha, particularmente à história da caça às baleias. A autora nos contava que os homens saíam em viagens para pesca que poderiam durar anos. Ela também arrolava os ricos empreendimentos intelectuais e sociais nos quais as mulheres da ilha acabavam por se envolver. No seio da era de caça às baleias, surgiram mulheres excepcionais: Lucretia Mott, a famosa feminista do século XIX; Maria Mitchell, a notável astrônoma; e outras mulheres que transitaram da ilha à terra firme para se engajarem em atividades religiosas, abolicionistas e feministas. Associações entre

¹ A frase é de Kate Clinton. Seu primeiro álbum, *Making Light* (iluminando), pode ser obtido contactando Making Light Productions, P.O. Box 93, Cazenovia, NY 13035. Clinton desafia as fronteiras do humor heterorrelacional e reivindica uma perspicácia genuína da mulher. Ver "Making Light: Another Dimension. Some Notes on Feminist Humor", *Trivia: a journal of ideas* 1 (Outono de 1982): 37-42.

² Lily Tomlin, *On Stage*, Artista Records (1977).

mulheres da ilha se formaram, seus números eram crescentes. Todavia, a autora oferece um resumo da prosperidade dessas atividades femininas: "Mas mulheres deixadas *sozinhas* não poderiam ser absolutamente felizes" (grifo da autora)³. Sua percepção é de que tais atividades produziram mulheres menos felizes. E mesmo quando as mulheres se engajavam nas mais ricas buscas, estas seriam empobrecidas caso não pudessem contar com a presença masculina. Tal sentença nunca seria formulada sobre grupos de homens que, historicamente, se engajaram na política, na vida intelectual e social sem a presença das mulheres.

Ofereço uma versão final da heterorrealidade, aparecida em uma resenha de 1984 para o livro de Simone de Beauvoir *Adieux: A Farewell to Sartre*, que tratava dos últimos dias da vida do autor:

[Simone de Beauvoir] era o fator permanente na vida social de Sartre [...] sem ela, Sartre teria sido uma pessoa diferente. Porém, como muito vem sendo dito, Sartre de todo modo haveria sido Sartre. Sua vida seguia uma linha própria, uma lógica própria. Simone de Beauvoir sem Sartre é difícil de imaginar [...] Quais sejam suas habilidades como escritora ou seu papel como apoiadora de diversas causas, ela somente pode ser acessada em relação ao universo sartreano.⁴

A percepção aqui retratada é de que mulheres reunidas com seu trabalho não seguem uma "linha" ou uma "lógica" próprias. Não importa quão brilhante ou criativa seja a obra de uma mulher, "ela somente pode ser acessada em relação" a um homem brilhante. Ou, simplificando à maneira heterorrelacional, o trabalho de uma mulher, assim como ela própria, é percebido como derivado.

Mas existe um outro ponto de vista, uma outra visão - aquela da *amizade feminina*. Virgínia Woolf nos conta como procurou por uma tradição de amizades femininas na literatura - "aquelas palavras ditas pela metade, ou não pronunciadas, que nos formam de maneira menos palpável que a sombra de uma mariposa no teto, quando as mulheres estão sozinhas, livres da iluminação masculina, caprichosa e colorida"⁵. Em meio à busca, a autora encontra parca evidência de que "Chloe amou Olívia", isto é, que mulheres sejam atraídas umas às outras. Todavia, a escassez de evidência pode ser enganadora.

Mulheres têm sido amigas por milhares de anos. Mulheres têm sido melhores amigas, parentes, companheiras estáveis, apoiadoras econômicas e emocionais, amantes fiéis. Mas tal tradição de amizade feminina, assim como tudo o que envolve nossa existência, tem sido distorcida, desmantelada, destruída - em suma, para usar um termo de Mary Daly, *desmembrada*⁶. O desmembramento da amizade feminina é, inicialmente, o desmembramento do Eu feminino autocentrado. Esta carência de amor próprio tem sido enxertada no Eu das mulheres sob o patriarcado. Se o enxerto prospera, as mulheres que não amam seus Eus não podem amar a outras como Ela.

³ Olga Carlisle, "In Praise of old Nantucket", *New York Times Magazine*, 8 de agosto de 1982, p.28.

⁴ Douglas Johnson, "Managing the great Man's memory", resenha de *Adieux: A Farewell to Sartre*, de Simone de Beauvoir, em *New York Times Book Review*, 6 de maio de 1984, p.11.

⁵ Virginia Woolf, *Um teto todo seu*.

⁶ Daly usa o termo em *Gyn/Ecology: The Metaethics of Radical Feminism* (Boston: Beacon 1978) para indicar a maneira pela qual as mulheres têm sido privadas de nossas histórias e tradições e encorajadas a esquecer pelo "apagamento patriarcal de nossas tradições". Assim como o corpo das mulheres foi desmembrado, também o foram nosso legado e nossas memórias.

Apesar desse desmembramento primordial da amizade feminina e das enormes pressões que as mulheres sofrem para que existam *para* os homens, todos os tipos de mulheres têm sido e são amigas. Existem mulheres que foram e são *para* mulheres. Mulheres precisam aprender a identificar quem são essas mulheres. Mulheres precisam aprender a identificar suas amigas. Tal processo não é simples, não se resume a algo como usar um crachá de identificação.

Ao longo da última década, temos aprendido algo sobre amizades entre mulheres famosas como Helen Keller e Annie Sullivan, Margaret Mead e Ruth Benedict, e Eleanor Roosevelt e Lorena Hickock. Muito desse conhecimento vem misturado à ambivalência ou ao choque de biógrafos que descobrem a intensidade das amizades femininas de tais mulheres. Por exemplo, a autora Doris Faber ficou tomada de horror com a proximidade emocional e as declarações de amor contidas nas cartas de Eleanor Roosevelt para Lorena Hickock⁷. A lesbofobia de Faber inevitavelmente condiciona aquilo que podemos extrair sobre Roosevelt e Hickock. No entanto, um número muito menor de mulheres está ciente das tradições de amizades femininas registradas nas vidas e obras de freiras, nos livros religiosos de boa conduta ou "volumes preciosos", que encorajavam a resistência ao casamento entre as mulheres rurais em Kwangtung, na China, e o tipo de sororidade que prosperou entre as Beguines, na Europa.

Uma premissa central deste livro é de que, enterrada a fundo no passado, no presente e no futuro da existência feminina, há uma atração original e primária, de mulheres para mulheres. Tal atração não é nem natural, nem ontológica. Ela se manifesta em diferentes mulheres que, em primeiro lugar, importam-se com seus Eus e por isso estimam a amizade àquelas que se parecem com Ela.

A amizade feminina ajuda mulheres a criarem uma mulher inventada por mulheres. Simone de Beauvoir afirmou que "se a mulher não houvesse existido, os homens a teriam inventado. *Mas ela existe também como alguém que se inventou sem eles*"⁸. A última parte da citação é muito menos lembrada que a primeira. Apenas a mulher que Se criou pode ser original, não fabricada pelo homem, e uma amiga para outras mulheres. Toni Morrison aborda um tema semelhante quando descreve a originalidade da mulher negra: "ela não tinha nada em que se amparar; nem virilidade, nem braquitude, nem feminilidade, nada. E do fundo de tal desolação ela inventou, muito bem, a si mesma"⁹.

Este livro é um tributo às *mulheres originais* - a mulher que busca e reclama suas origens relacionais consigo própria, com seu Eu vital, e se relaciona com o Eu vital de outras mulheres. Ela não é a criação dos homens, posto que não procede da arrogância masculina. Ela não é "a outra" do *Segundo Sexo* de Beauvoir, aquela feita pelo homem. Ela não é um ser relativo, criada para pensar a si própria sempre sendo penetrada pelo homem. Ela é seu Eu. Ela é sua original e antiga amiga, que pertence a Si própria, que não é copiada, reproduzida, traduzida das imagens que os homens fazem dela. Ela é, em termos agora obsoletos, uma mulher *rara*.

Uma das premissas mais primárias deste livro é a de que a amizade feminina começa com a afinidade de uma mulher por seu próprio Eu. O Eu original de uma mulher é sua amiga mais original e duradoura. Nas simples, e ainda assim poderosas palavras de Alix Dobkin, "The woman in your life is you":

⁷ Doris Faber, *The Life of Lorena Hickock, E.R.'s Friend* (New York: Morrow, 1980) esp. pp.330-32.

⁸ Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*.

⁹ Toni Morrison, "What the Black Woman Thinks About Women's Lib", *New York Times Magazine*, 22 de agosto de 1971, p.63.

Who is sure to give you courage
And who will surely make you strong
Who will bear all the joy that is coming to you, if not
the woman in you life,
She's someone to pursue
She's patient, and she's waiting
And she'll take you home now,
the woman in your life
She can wait so easily
she knows everything to do,
Because the woman in you life is you¹⁰¹¹

A amizade feminina começa com a companhia do Eu. Aristóteles sustentava que "o amigo é um outro Eu". Até que o Eu se torne um amigo, todavia, as mulheres podem facilmente perder seus Eus na companhia de outrem.

Não desejo romantizar o tema da amizade feminina. Em uma sociedade anti-mulher, a amizade feminina tem sido objeto de tabu, chegando ao ponto de haver mulheres que odeiam seus Eus originais e outras mulheres que, na melhor das hipóteses, são indiferentes às outras mulheres. Os obstáculos à amizade feminina fincaram raízes sólidas em suas vidas, e são elas que acreditam e atuam a ficção de que as mulheres não são ou nunca foram amigas entre si. Este livro não pretende dizer que todas as mulheres serão capazes de desenvolver amizades femininas.

Existe um labirinto de obstáculos para o surgimento e a continuidade de amizades femininas. Todas nós ouvimos a frase "muitas mulheres são piores que os homens", ou "mulheres são, elas mesmas, seus piores inimigos". Provavelmente nós também sentimos a força e a realidade de tais sentenças em nossas próprias associações com algumas mulheres. É mais fácil compreender as razões pelas quais mulheres atuam de maneira anti-mulher do que enfrentar a realidade de tal comportamento quando ele se volta contra nós, em nossas vidas.

Os obstáculos à amizade feminina também se projetam na vida de feministas engajadas, que supostamente compartilham o espírito e a visão ginoidentificada. Mulheres têm me contado, no decorrer desta escrita, que perderam amigas para o feminismo, isto é, para diferenças pessoais e políticas que estão inseparavelmente conectadas com suas filosofias de uma existência feminista. Outras mulheres expressaram uma tristeza em relação às expectativas não realizadas e inabilidade para se conectarem com dimensões mais profundas de mulheres amigas em potencial. Elas haviam esperado que o compartilhamento de uma visão feminista criasse relações mais profundas e cuidadosas com suas companheiras políticas. Algumas mulheres até mesmo ressaltaram que amigas da faculdade ou amigas de outros contextos, como as do convento ou mesmo das forças armadas, eram mais cuidadosas, respeitosas, e se

¹⁰ Alix Dobkin com Kay Gardner, "The woman in your life is you", gravado em *Lavender Janes Loves Women* (1975), Ladyslipper Music, Box 3124, Durham, NC 27705. Dobkin, uma das primeiras cantoras feminista e lésbica a escrever e tocar música de/para mulheres, é uma das poucas remanescentes que ainda escreve e canta letras fortemente Gin/afetivas, com mensagem pessoal e política.

¹¹ Aquela que sempre vai te encorajar/ e que certamente vai te fortalecer/ que vai partilhar toda a alegria que virá, se não/ a mulher da sua vida/ é alguém a tentar ser/ ela é paciente, ela está esperando/ e agora ela vai te levar para casa/ a mulher da sua vida/ pode facilmente esperar/ ela sabe tudo o que você faz/ porque a mulher da sua vida é você.

conectavam a elas em níveis mais profundos, existenciais, do que muitas mulheres que haviam se tornado suas amigas e que compartilhavam ideais feministas radicais em comum.

Eu sabia o que tais mulheres tentavam descrever pois eu havia experimentado esta mesma perda em minha própria vida de feminista radical: expectativas não atendidas, traição, falta de carinho real, e uma muralha de imensuráveis diferenças entre amigas. Em um sentido muito real, este livro foi escrito, nas palavras de Elizabeth Gould Davis, "para expurgar meu sofrimento". O que é mais importante, este livro é a tentativa de re-membrar¹² uma visão da amizade feminina, apesar desse sofrimento, pois a realidade do ideal de amizade feminina vive em meu Eu e no de outras mulheres.

GIN/AFETO E HETERORRELAÇÕES

Algumas palavras são recorrentes através de meu trabalho, entre as quais as mais frequentes são *Gin/afeto*, *heterorrelações* e *heterorrealidade*. Geralmente, *Gin/afeto* pode ser identificado como uma atração de-mulheres-por-mulheres, influência, e movimento. *Heterorrelações* é o termo que expressa o amplo leque de relações afectivas¹³, sociais, políticas e econômicas, ocorridas entre homens e mulheres, porém governadas por eles. *Heterorrealidade* descreve a situação criada pelas heterorrelações.

De muitas maneiras, *Gin/afeto* é um sinônimo para amizade feminina. A palavra *Gin/afeto*, todavia, tem um contexto que lhe é próprio, e que ajuda a elucidar como uso o termo *amizade feminina* através deste livro. As definições do dicionário para *afeição*¹⁴ e *afecto* trazem explicações mais profundas sobre o termo *Gin/afeto*.

O entendimento mais comum de *afecto* é um sentimento, emoção, identificação, ligação, e amor por um outro. Neste sentido, *Gin/afeto* conota uma paixão que mulheres sentem por outras, isto é, a experiência de profunda atração pelo seu Eu vital e original e o movimento em direção a outras mulheres vibrantes. Existe um outro sentido de *afeição*, todavia, que nos convém mais do que o movimento pessoal de uma mulher em direção à outra. *Afeição*, neste sentido, abrange o estado de influenciar, atuar sobre, mover-se, produzir impressão, e de ser influenciada, atuada sob, ser movida e impressionada por outras mulheres. Virginia Woolf

¹² Aqui, a autora faz um trocadilho com o conceito de desmembramento de Mary Daly e a palavra inglesa para lembrar, *remember*. Assim, re-membrar é, ao mesmo tempo, lembrar e lembrar. (N.T.)

¹³ Nesta tradução, opto pelos termos *afecto*, *afectivo*, *afectar*, uma vez que, na língua portuguesa falada no Brasil, o termo *afeto* está demasiadamente esvaziado, ou o contrário, saturado de significados sexo-afetivos. Como a autora explicará adiante, o termo nesta obra assume um significado mais profundo. (N.T.)

¹⁴ Apesar da problemática supracitada em relação ao significado de determinadas palavras na língua portuguesa falada no Brasil, e esta é uma delas, a predileção por mantê-la original neste contexto se deu por inviabilidade de substituição ou neologismo que contemplasse a profundidade abordada/discutida pela autora e que, simultaneamente, solucionasse o esvaziamento ou saturação desses termos. (N.R.)

expressou a amplitude deste significado ao dizer "Apenas mulheres agitam minha imaginação". Ela poderia ter adicionado "Apenas mulheres me agitam no sentido da ação e do poder".

Mulheres que afectam mulheres estimulam resposta e ação; ocasionam mudanças em nosso modo de viver; agem e inflamam emoções, ideias, atividades que desafiam as dicotomias entre o que é pessoal e o que é político no que diz respeito aos afetos. Portanto, *Gin/afeto* significa o movimento pessoal e político das mulheres em direção às outras. Como "o pessoal é político", também "o político é pessoal".

A sociedade dos filósofos gregos antigos e seus amigos ensinava que a política é o empreendimento dos amigos. Amizade, na tradição homorrelacional grega, era a base do Estado. Aristóteles, por exemplo, ensinava que a amizade era o que garantia a integridade dos Estados. No entanto, os cidadãos da *polis* eram todos machos. Mulheres não tinham nenhum status cívico, o que tornava a amizade um romance entre homens, bem como a política. Nem escravos, nem mulheres podiam ser amigos e amigas, ou detentores de funções oficiais na política.

Contudo, em qualquer sentido mais profundo que a palavra *amizade*, os cidadãos masculinos da *polis* não eram amigos. Se encararmos tal amizade como homoafeição, como homens atraídos por homens, veremos que, na melhor das hipóteses, tal afeição é superficialmente homossexual, e na pior das hipóteses, uma afeição destrutiva. Cidadãos masculinos matavam uns aos outros por poder e objetificavam um ao outro, especialmente meninos jovens, como gratificação sexual. Esta tradição foi longamente sustentada pela cultura gay e sua insistente defesa do "amor por meninos".

Outros teóricos da política separaram a amizade daquela. Michael Walzer expõe seu ponto de vista: "Amizade, como amor, descrevem relações mais pessoais, e provavelmente seria um erro procurar deleites especiais nas relações públicas"¹⁵. Embora seja verdade que certos tipos de atividade política são e foram possíveis entre pessoas que não eram amigas, ambas, amizade e política, recuperam uma profundidade perdida quando aproximadas - isto é, quando a atividade política procede de uma afeição compartilhada, de visão e espírito, e é aí que a política ganha maior alcance.

A amizade feminina é muito mais do que a face privada das políticas feministas. Embora política e amizade nem sempre sejam compatíveis, precisamos criar políticas feministas ancoradas na amizade. E precisamos de um ideal de amizade feminina que invista as mulheres de poder pessoal e socioeconômico. Uma amizade genuína está para além de um mundo de Eus que se relacionam a outros Eus em uma sociedade na qual o Eu feminino esteja habilitado a se desenvolver. Portanto, o significado básico de *Gin/afeto* é que mulheres afectem, movimentem, agitem e animem uma à outra ao pleno poder. Uma das tarefas feministas tem sido mostrar que "o pessoal é político". A amizade feminina confere integridade a esta reivindicação.

"Amizade" tornou-se uma palavra vazia, tão desprovida de substância que as propagandas nos interpelam apresentando produtos de limpeza como nossos melhores amigos. Este é um exemplo cabal não apenas da despersonalização do termo, mas de sua despolitização - o esvaziamento de seu poder pessoal e político. Este livro almeja restaurar o poder e a profundidade à palavra, conferindo realidade à amizade. A palavra *Gin/afeto* foi criada com tal finalidade em mente. As melhores políticas feministas advêm de uma amizade compartilhada.

¹⁵ Michael Walzer, *Radical Principles* (New York: Basic, 1980), p.13.

Este livro também se preocupa em recolocar a amizade em um lugar primário, como base da paixão, da política e da proposta feministas. Gin/afeto não é apenas uma relação de amor entre uma ou mais mulheres; ele é um laço livremente escolhido que, uma vez iniciado, envolve certas seguranças recíprocas, baseadas na honra, lealdade e afeição. Neste sentido, poderíamos dizer que a amizade é um contrato social. É um acordo continuamente renovado, revitalizado, estabelecido não somente entre duas ou mais indivíduos, mas por duas ou mais mulheres que reclamam para Si o status de pessoas políticas e sociais, estendendo tais status a outras como Ela.

A heterorrealidade confere valor social e político para heterorrelações, apenas (mulher-com-homem). Ao fazê-lo, criou um contexto social no qual a amizade, especialmente a amizade feminina, foi conceituada como uma associação pessoal de indivíduos que se revelam entre si na intimidade de vidas e encontros particulares. É claro, algumas formas de heterorrelações também são consideradas como íntimas, pessoais, como o casamento e o heterossexo, porém nenhum dos dois é visto como a mera associação de indivíduos. Ambos estão investidos de valores públicos e são sustentados por leis, cerimônias, rituais, pactos, e consistência de heterorrealidade.

Não estou sugerindo que mulheres lutem por leis, cerimônias ou rituais para sustentar o Gin/afeto. Em vez disso, advogo que as mulheres devem reconhecer, em nossas amizades, as implicações para além da natureza pessoal desses laços, para que nós mesmas não subestimemos seu poder social e político, um poder que, em seu nível mais profundo, é uma força imensa na desintegração das estruturas da heterorrealidade. Este empoderamento da amizade feminina pode criar condições para uma nova política feminista, na qual o pessoal seja apaixonadamente político.

A mulher idealizada pelo homem coloca heterorrelações em primeiro lugar. A literatura, a filosofia, a história e a ciência patriarcais têm reforçado o mito de que a relação primordial de uma mulher será com um homem. Como expresso no Gênesis, e desde então reforçado pelo patriarcado, "Seu desejo será para teu marido, e ele a governará".

É importante compreendermos que as normas da heterorrealidade pretendem que a mulher seja para o homem, mas não que o homem seja para a mulher. Mulheres são arrebanhadas para o homem de uma maneira muito distinta das maneiras pelas quais os homens existem para as mulheres. A passagem bíblica o diz de maneira clara. No interior da heterorrealidade, a mulher é *ontologicamente* para o homem; isto é, é formada por ele e não pode ser sem ele. Seu destino e desejo feitos pelo homem são consumidos de um apetite voraz. Sua essência e existência dependem de que ela seja sempre em relação a ele. Como aponta Nancy Arnold, a mulher se torna "essencialmente inessencial"¹⁶.

Os homens, no entanto, são *acidentalmente* para as mulheres; isto é, o desejo e o destino dos homens, embora incluam as mulheres, não são compassados em relação a elas. Em vez disso, seu destino é construir um mundo na companhia de seus amigos machos. Seu imperativo é o de criar seu mundo, sua cultura, ciência, tecnologia, "suando a camisa". E ele o faz, primariamente, em concerto com outros homens.

O destino do homem é, em última instância, *homorrelacional*. O real poder normativo das homorrelações masculinas é disfarçado pelo fato de que tal relacionamento é

¹⁶ Nancy Arnold, "Toward a Personal Feminist Theory" (paper in feminist theory, University of Massachusetts, 1983), p.3.

institucionalizado em cada aspecto de sua existência, em uma cultura aparentemente heterorrelacional. São as mulheres que carregam o fardo de viver sob um imperativo heterorrelacional. Na verdade, esta é uma sociedade masculina homorrelacional, construída sobre relações mano-a-mano, transações e "broderagem" em todos os níveis. Heterorrelações servem para prover aos homens a sustentação e o suporte das mulheres, suporte e sustento que não encontram em outros homens. A heterorrealidade é o solo da homorrealidade masculina.

O que observamos com clareza é que o homorrelacionismo não é uma promoção da homossexualidade masculina, embora em algumas arenas ambas coexistam de maneira bastante harmoniosa. Na maior parte do tempo, como observa Andrea Dworkin, "a homossexualidade masculina, na supremacia masculina, sempre esteve contida e controlada pelos homens enquanto classe, embora as estratégias de contenção tenham variado; a finalidade era a de proteger os homens do estupro masculino, ordenando a sexualidade masculina de forma que, em referência aos machos, existisse alguma segurança"¹⁷. Enquanto os padrões heterossexuais e heterorrelacionais são visivelmente promovidos e institucionalizados na família, escolas, igrejas, Estado, o que de fato sustenta o patriarcado é, nas palavras de Mary Daly, "o poder masculino de camaradagem enquanto um componente presente no erotismo homoafetivo masculino é disfarçado e negado. O fato de que o componente erótico esteja presente, mas disfarçado, torna os laços aparentemente não-eróticos da broderagem mais eficazes"¹⁸. O Gin/afeto, seja no sentido pessoal ou político, se coloca como uma ameaça a essa broderagem opressiva. Ela dinamita o potencial ou a potência das homorrelações.

A heterorrealidade institucionaliza as heterorrelações. Era esperado das mulheres do passado, e ainda se espera no presente, que toda mulher se case; e mais recentemente, nos tem sido inculcado que os relacionamentos femininos mais significativos e satisfatórios se dão com homens. O modelo tradicional da heterorrelação é o casamento, mas muitas revoluções na história, sexuais e políticas, reivindicaram estar derrubando a hegemonia dos laços do casamento. O que nenhuma revolução revolucionou, todavia, é a heterorrealidade - o "dado" social de que as relações macho/fêmea são as únicas relações verdadeiramente verdadeiras pelas mulheres. Em qualquer sociedade, revolucionária ou tradicional, as heterorrelações são os únicos laços que recebem sanção social, política e econômica para as mulheres. Na heterorrealidade, a amizade feminina é reputada como secundária, insignificante e, muitas vezes, preliminares em relação a uma heteromaturidade.

É importante entender que não uso os termos *heterorrelações* e *heterorrealidade* como sinônimos de *heterossexualidade*. Muitas feministas lésbicas têm apontado o heterossexismo como o modelo paradigmático da opressão da mulher nesta sociedade. Embora eu concorde que vivemos em uma sociedade heterossexista, acredito que o problema mais amplo é que vivemos em uma sociedade heterorrelacional, na qual a maior parte das relações pessoais, sociais, econômicas, sejam definidas sob o paradigma de que as mulheres são para os homens. Heterorrelações é um termo que nomeia de forma mais acertada as maneiras pelas quais o Gin/afeto é obscurecido e eclipsado para todas as mulheres, mesmo as lésbicas.

Heterorrelações dão aos homens o acesso constante às mulheres, e consistentemente transformam o mundo feminino em heterorrealidade. Por exemplo, a tomada do mundo

¹⁷ Andrea Dworkin, *Pornography: Men Possessing Women* (New York: Perigee, 1981), p.61.

¹⁸ Daly, *Gyn/Ecology*, p.63.

feminino do parto pelos homens é um caso gritante de tal transformação, demonstrando, entre outras coisas, que o imperativo heterorrelacional demanda acesso masculino a todas as mulheres em todas as circunstâncias. O que foi tradicionalmente e primariamente um evento centrado na mulher, mesmo que entre mães, esposas e familiares mulheres e amigas, se torna um drama heterorrelacional com, mais uma vez, um homem (médico) no topo de um *script* obstétrico assentado no hospital. Até mesmo o chamado parto natural dá ênfase primária à inclusão do macho na cena, em vez de restaurar o nascimento tradicional como um evento que aproxima mulheres.

Mary Catherine Bateson, ao lembrar sua mãe, Margaret Mead, nos conta como Mead "era desconfiada da presença do pai na sala de parto, por acreditar que tal papel pertencesse a outra mulher, alguém que tivesse experiência em partos, talvez uma avó, ou como entre os Arapesh da Nova Guiné, a mulher que tivesse parido mais recentemente"¹⁹. Infelizmente, muitas mulheres sucumbem à retórica heterorrelacional de que os homens são seus "iguais" e "ativamente" participantes no processo do parto, e os enlaces tradicionais de mulheres que ocorriam neste evento se tornam obscurecidos ou esquecidos²⁰.

Neste trabalho, estou preocupada com as proclamações inquestionadas que promovem as heterorrelações para mulheres. Muitas das afirmações de *O Segundo Sexo* (um trabalho ao qual eu e muitas mulheres devemos muito, e que foi significativo em nossa evolução feminista) são exemplos do dogma heterorrelacional. "As mulheres [...] nunca compuseram um grupo separado, *por sua própria conta*, contra o grupo masculino"²¹. Tais doutrinas heterorrelacionais apagam e ignoram a diversidade cultural e histórica das associações que mulheres têm estabelecido entre si. A reação em cadeia de uma afirmação como esta é devastadora para o movimento feminista em sua busca pelo conhecimento original e vital sobre a amizade feminina. Tais declarações proclamam que nossas memórias são curtas, que o desejo por lembrar-se não é importante, e que, em última instância, como Beauvoir postula, "o homem consegue pensar-se sem a mulher. Ela não consegue pensar-se sem o homem"²². Tais afirmativas reduzem a história da amizade feminina ao reino dos necrológios.

Em um nível mais filosófico, heterorealidade e heterorrelações são construídas sobre o mito da androginia. "Tu, como mulher, deves unir-te ao homem" para completar a suposta meta cósmica de reunificar aquilo que foi misticamente separado nas partes "fêmea" e "macho". Argumentos embasando a primazia e prevalência das heterorrelações são, de alguma maneira, baseados em uma polaridade cósmica entre esses dois opostos, na qual as duas supostas metades buscam a união. Na visão de mundo heterorrelacional, a prevalência de tal polaridade requer a incorporação de toda a vida aos encontros das metades separadas. Todas as relações da vida estão, então, imbuídas da energia andrógina e da atração que busca reunir os Eus divididos uns dos outros, para sempre pareados em complementaridade cósmica. Toda a Vida se torna uma metáfora do casamento. Toda interação social demanda uma outra metade, seu complemento cósmico. Os dois - fêmea e macho - precisam voltar a ser um, seja no quarto do

¹⁹ Mary Catherine Bateson, *With a daughter's eye: a memoir of Margaret Mead and Gregory Bateson* (New York: Morrow, 1981), p.61.

²⁰ Costumo perguntar às estudantes em meu curso de "mulheres e questões de saúde" quantas delas gostariam de que as mães estivessem presentes se elas escolhessem o parto natural. Pouquíssimas respondem afirmativamente.

²¹ De Beauvoir, *Second Sex*, p.65.

²² De Beauvoir, *Second Sex*, p.xvi, quoting Benda, *Rapport d'Uriel*.

casal, seja no escritório da reunião. A complementaridade heterorrelacional se torna "a matéria do cosmos".

Em última instância, o poder das heterorrelações deriva de sua idealização. Como a idealização da escravidão, heterorrelações se tornaram a estrutura dominante de um sistema social em virtude de sua representação benigna. Quanto mais a heterorrealidade se torna doméstica, mais "benefícios" ela parece oferecer às mulheres, e mais enraizada se torna como um sistema social.

Talvez a maneira mais apelativa em que as heterorrelações se apresentam seja a imagem libertária ou revolucionária. Heterorrelações, ou androginia, frequentemente parecem libertadoras frente à dominação homorrelacional da cultura masculinista. Isso obscurece o poder muito mais libertador que tem o Gin/afeto, dentro do qual as mulheres se voltam para seus Eus para buscar empoderamento, em vez de uma vez mais se voltarem para os homens.

As heterorrelações têm também afetado as teorias e a realidade feminista, definindo feminismo como igualdade entre mulheres e homens, no lugar de autonomia, independência, e amor do Eu feminino em afinidade com outros como Ela - suas irmãs. Esta definição coloca o feminismo em um ponto de partida errado, isto é, as mulheres em relação ao homem, em vez de colocar as mulheres em relação consigo próprias.

Feminismo, para mim, nunca significou a igualdade entre homens e mulheres. Significou e significa a igualdade entre Nós - tornar-se semelhante àquelas mulheres que foram para mulheres, as que viveram pela liberdade das outras, àquelas que morreram por isso; àquelas que lutaram por mulheres e sobreviveram através da força feminina; àquelas que amaram mulheres e que perceberam que, sem a consciência e a convicção de que mulheres são primárias nas vidas umas das outras, nenhuma perspectiva nos é possível. O feminismo heterorrelacional, como o humanismo heterorrelacional, obscurece a necessidade da amizade feminina como um pilar para o feminismo, bem como uma consequência dele.

O imperativo da amizade feminina é a de que as mulheres sejam iguais ao seu "mulherismo"²³ vital, iguais na tarefa de criar uma existência centrada na mulher. Esta é uma das principais distinções entre feminismo radical, liberal e marxista - seus pontos de partida. O feminismo radical parte das mulheres. Os feminismos liberal e marxista começam entre homens e com homens, de maneira tangencial aos homens como grupo, sejam homens como opressores ou como camaradas oprimidos. Os feminismos marxista e liberal investigam e localizam as mulheres majoritariamente em relação às pessoas dos homens, à sua história e cultura.

Homens têm sido percebidos como os mediadores por excelência da realidade, de forma que a realidade chega a se tornar heterorrealidade. Gin/afeto garante que o feminismo será cada vez menos mediado por homens e por definições masculinas do que seja a igualdade.

²³ Alice Walker usa tal palavra de diversas maneiras. Em seu significado primeiro, ela é aplicada a mulheres negras "em geral referindo-se às mulheres ultrajantes, audaciosas, corajosas, *de fibra* [...] as que desafiam. *A sério*". Em uma definição posterior, Walker define "mulherismo" como "o amor entre mulheres, sexualmente ou não. As que apreciam a cultura das mulheres, a flexibilidade emocional das mulheres [...] bem como sua força". *In search of our mother's gardens: Womanist Prose* (New York: Harcourt, 1983), pp. XI-XII.

Esta questão pode ser formulada da seguinte maneira: Gin/afeto pode ser equacionado com Lesbianidade²⁴? Se o Gin/afeto abarca a totalidade da existência feminina que coloca o Eu e o de outras mulheres em seu centro, se Gin/afeto significa colocar seu Eu vital em primeiro lugar, se Gin/afeto é o movimento de atravessamento que perpassa outras mulheres, então muitas mulheres poderiam supor que mulheres Gin/afetivas e o próprio Gin/afeto são a existência Lésbica. Embora eu respeite o fato de que existem diferenças, eu não fingirei que compreendo tais diferenças. Em particular, eu não compreendo por que o Gin/afeto não se torna sinônimo de amor Lésbico, para uma série de mulheres.

Também não desejo romantizar o poder da existência Lésbica. Heterorrelações podem funcionar de maneira suave na vida de lésbicas que apenas "cometem" atos sexuais lésbicos ou na vida de mulheres que transformam a lesbianidade em um estilo de vida. Heterorrelações podem funcionar, mais especificamente, no *role-playing* lésbico, no S&M lésbico, na objetificação lésbica de outra mulher, ou nas vidas de mulheres lésbicas que atuam como mulher-identificadas em círculos Lésbicos, mas que em seu trabalho, suas vidas pessoais, atuam como mulheres heterorrelacionais.

Ser uma Lésbica significa ampliar o que tem sido chamado de "preferência sexual" para além do reino e realidade da categoria de sexo, até chegar a um estado de existência social e política. Neste sentido, a existência Lésbica pode nos prover certos padrões que podem ser usados por outras mulheres para quebrar a fortaleza das heterorrelações. Isto não significa que todas as mulheres se tornarão Lésbicas. Todavia, pode significar que muitas mais mulheres poderiam vir a considerar a existência Lésbica como uma possibilidade, ou mesmo como uma escolha real. Contrariamente ao estereótipo popular das teorias pseudobiológicas, mulheres não nascem Lésbicas. Mulheres se tornam Lésbicas por escolha.

Mais do que qualquer outro grupo de mulheres, Lésbicas feministas abalaram o poder da heterorrealidade e expandiram o alcance e realidade do que tem sido percebido como a categoria de sexo - categoria lésbica - para muito além do corpo físico, para um patamar social e político. Para todas as mulheres, isto não apenas levanta a questão da Lesbianidade como também impulsiona mulheres a definir a amizade feminina para além da intimidade de uma relação pessoal, para um estado de ser politicamente afectivo. Enquanto houver grupos de mulheres continuamente incorporando e atuando o Gin/afeto, esta realidade deverá servir como um potente incentivo para outras mulheres. Uma vez que as mulheres podem escolher expressar afeição por outras mulheres de múltiplas maneiras, meu uso do termo *Gin/afeto* expressa um *continuum* de amizade feminina. A distinção entre existência Lésbica e Gin/afeto muitas vezes é difícil de perceber, mas obviamente ela tem se manifestado na vida de muitas mulheres.

²⁴ Uso a letra maiúscula L para marcar, como Mary Daly aponta, a diferença entre as Lésbicas mulher-identificadas e as lésbicas (indicadas pela letra minúscula) que, apesar de se relacionarem genitalmente com mulheres, são governadas pelo que chamo de padrões heterorrelacionais.

Muitas pessoas, todavia, não fariam distinção entre Gin/afeto e lesbianidade. Muitas perceberiam qualquer relação intensa entre mulheres como lesbianidade. A maior ameaça aos homens, gerada por qualquer intimidade entre mulheres, é a lesbianidade. Mais exatamente, muitos homens percebem qualquer autoridade feminina como lesbianidade. Mulheres profissionais, atletas, mulheres engajadas em ativismo político, mulheres que se atrevem a falar com autoridade sobre determinados assuntos, são comumente chamadas pejorativamente de "sapatão".

Quando homens usam o termo *sapatão* de maneira pejorativa para depreciar mulheres, estão se traindo de diversas formas. Primeiro, estão dizendo que qualquer ato de afectividade entre mulheres é percebido, por eles, como um ato de autoridade feminina. E qualquer ato de autoridade feminina conjura uma união crescente entre mulheres, da qual os homens estão excluídos. Mulheres que ousam autorizar-se, e autorizar sua própria realidade, suscitam nos homens o medo de que elas estejam acompanhadas e ajudadas por "um exército de [mulheres] amantes". A mulher que é forte o bastante para se "autorizar" é vista não apenas como uma mulher que usurpa poder aos homens, mas como uma mulher que usurpa mulheres a eles. E a mulher que ousa autorizar seu amor por outras mulheres é vista como aquela que cessa o poder masculino. O epíteto depreciativo "sapatão" revela o fato de que os homens percebem a amizade feminina como profundamente política e deixa claro que homens veem a autoridade das mulheres como um ato intensamente pessoal e mulher-identificado.

De uma perspectiva diferente e mais positiva, muitas Lésbicas feministas equacionaram Gin/afeto com o Ser Lésbica. Elas mantêm que uma literatura e uma vida na qual as mulheres se tornam primárias e centrais umas às outras: embora não sejam lésbicas em um sentido literal do termo, são Lesbo-identificadas. Barbara Smith, por exemplo, analisa os romances *The Bluest Eye* e *Sula*, de Toni Morrison, como sendo novelas lésbicas. Se usarmos a definição de literatura lésbica dada por Bertha Harris, Smith reconhece que Morrison não tinha a intenção de que as relações entre as personagens femininas fossem "inerentemente lésbicas", mas que são lésbicas "não porque as mulheres sejam amantes, mas porque são as figuras centrais, porque são positivamente retratadas como tendo relações decisivas umas com as outras"²⁵.

Mais recentemente, Adrienne Rich reforçou tal ideia em seu ensaio "Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica". A autora usa o termo *existência lésbica* "para incluir uma gama - através das vidas das mulheres e através da história - de experiências mulher-identificadas; não apenas o fato de que uma mulher tenha conscientemente desejado experimentar sexualmente com outra mulher". Para Rich, o termo *lésbica* deve ser ampliado "para abraçar muito mais formas de intensidade primária entre mulheres, incluindo o compartilhamento de uma vida interna rica, os laços contra a tirania masculina, o ato de dar e receber apoios prático e político". A tese de Blanche Wiesen Cook em seu artigo "Redes de apoio feminino" é similar: "Mulheres que amam mulheres, que escolhem mulheres para nutrir e apoiar, criando uma vida e um ambiente nos quais o trabalho criativo e independente, são lésbicas"²⁶.

Embora minha sensibilidade feminista Lésbica queira afirmar que qualquer afeto e existência feminina ginocentrada seja Lésbica, minhas faculdades éticas e filosóficas não

²⁵ Barbara Smith, "Toward a Black Feminism Criticism", *Conditions 2* (1977): 33.

²⁶ Blanche Wiesen Cook, "Redes de apoio feminino e ativismo político: Lillian Wald, Crystal Eastman, Emma Goldman", *Chrysalis 3* (Primavera de 1978): 48.

afirmam tal ideia²⁷. Filosoficamente, tenho a intuição pungente de que essa afirmação é logicamente incorreta, moralmente rasa para mulheres que são Lésbicas, e paternalista para as que não são.

Precisamos ser exatas sobre o significado de Lésbica em contraste com Gin/afeto. Uma mulher expressou a diferença da seguinte forma:

Sempre soube que meu amor por mulheres era mais profundo que o amor por homens - colegas na infância, amigas na escola e na faculdade, e por esse amor frequentei uma universidade para mulheres. Instintivamente me identificava com minha mãe a cada briga de casal dos meus pais. Com grande sigilo e culpa, tive uma relação intensamente próxima, física e afetiva com minha melhor amiga nos anos de escola. Porém, não descobri o preço de meu amor por mulheres até ser descoberta aos 18 anos, vivendo outra relação da mesma natureza. Confusa e assustada com esse preço, enterrei por quase uma década o que considereei uma tendência aberrante do meu ser. O resto da história vocês já conhecem. Com a ascensão do feminismo e especialmente do feminismo Lésbico, encontrei uma nova realidade na qual podia afirmar minha Lesbianidade. Ao longo do período em que a enterrei, toda a minha carreira profissional, minha vida política, e melhores amigas eram dominadas por mulheres. Sexualmente, todavia, eu me relacionei com homens. Eu era uma mulher, mulher-identificada, em todos os sentidos, exceto pela sexualidade. Mas eu não era uma Lésbica, e neste ponto há, para mim, uma disjunção crítica entre a existência Lésbica e o mundo da amizade feminina, ou Gin/afeto. Chamar minha existência anterior de Lésbica seria falso e, de certa forma, simplista em relação à jornada que tive de empreender para finalmente me afirmar como Lésbica.²⁸

Pat Hynes utilizou um modelo matemático para explicar a diferença entre a existência Lésbica e o Gin/afeto. Reagindo criticamente à frase *Continuum Lésbico*, desenhou o gráfico de uma função matemática.

Hynes explicou seu gráfico da seguinte maneira:

Na matemática pode haver pontos de descontinuidade em uma função que deveria ser contínua, o que demonstra a ocorrência de mudanças únicas. O gráfico ilustra tal conceito. Da mesma forma, nas vivências Lésbicas, mulheres que experimentam a identificação com mulheres de maneira distinta, existem pontos de disjunção entre o passado e o presente - saltos radicais e mudanças que separam as Lésbicas mesmo em relação a Gin/afetos preexistentes. Outra forma de explicar este fenômeno é observar a diferença entre estar imersa em um continuum de amizades femininas e, em algum momento da trajetória, saltar para fora deste continuum. O salto nos impulsiona, deslocando nosso Eu, impelindo-nos para um novo Eu, ajudando-nos a entrar em um novo contexto de identificação feminina.²⁹

De certa forma, é extremamente difícil caracterizar este salto. Todavia, acredito que essas duas mulheres, ao traçarem distinções entre Lesbianidade e Gin/afeto, apontam que as Lésbicas tomam uma jornada particular, envolvendo a percepção de seus Eus e de outras Lésbicas. Tal percepção envolve e envolve uma escolha deliberada, o exercício de uma coragem particular, a tomada de determinados riscos. Mulheres mulher-identificadas que não são Lésbicas, embora demonstrem coragem em meio a uma sociedade misógina, embora se

²⁷ Muitos anos atrás, entrei em contato com o termo *continuum lésbico* designando as relações que Rich, Smith e Cook descrevem. Em minha opinião, à época, a amizade no seio do continuum Lésbico estava imbuída do significado Lésbico, como caracterizado pelas autoras supracitadas. Hoje, todavia, prefiro usar o termo *Gin/afeto*, e penso que ele seja mais adequado para descrever todas as complexidades envolvidas.

²⁸ Conversação, Junho de 1981.

²⁹ Conversa com Pay Hynes, Gloucester, Massachussetts, março de 1981.

arrisquem de outras formas, não correm o risco específico de escolherem e entenderem-se como Lésbicas. A Lesbian-dade³⁰ é, portanto, não apenas o contato sexual/genital entre mulheres, embora para a maior parte das Lésbicas o componente sexual esteja presente.

Sob outro ponto de vista, embora muitas Lésbicas feministas possam desejar incorporar mulheres e existências Gin/afetivas ao termo Lésbica, muitas dessas mulheres não desejam ser descritas assim. Não creio que, em todos os casos, possamos afirmar que tal negação se trata de lesbofobia. Precisamos assumir que algumas de nossas amigas conhecem e vivem suas próprias verdades e conscientemente escolheram seus próprios caminhos. Negar tal coisa é paternalista e pretensioso - paternalista para as mulheres que conscientemente escolhem relacionar-se com homens de determinadas maneiras, não importa o quanto algumas de nós discordemos dessas escolhas, e pretensioso no sentido de que supõe conhecer essas mulheres melhor do que elas próprias. Algumas mulheres revisaram, com honestidade, as camadas de coerção heterorrelacional que lhes foram impostas. Ainda assim, escolheram relacionar-se sexualmente, ou de outra maneira primária, com homens.

O termo *Lésbica*, neste trabalho, conota o conhecimento e a coragem necessários para empreender a Lesbian-dade. Muitas mulheres escolhem não viver uma vida Lésbica (incluindo lésbicas). Elas se movem no interior do mundo da amizade feminina, e suas afinidades e luta por outras mulheres podem ser bem caracterizadas como Gin/afeto. No entanto, usar a palavra *Lésbica* para descrevê-las causa uma falsa inclusão. Mulheres Lésbicas precisam de uma história que conte a percepção de Si enquanto Lésbicas, precisam da coragem para assumir-se como tal, erótica e politicamente.

O uso do termo Gin/afeto neste trabalho é uma tentativa honesta, lógica, e verdadeiramente inclusiva para todas as mulheres que colocam umas às outras em primeiro lugar, de algumas ou de todas as maneiras. O termo se destina a incluir Lésbicas, bem como todas as mulheres que, embora sejam intensamente Gin/afetivas, não se definem enquanto Lésbicas. Gin/afeto se presta a fazer distinções honrosas e honestas, ao passo que procura evitar inclusões simplistas ou sentimentais. Meu uso de *Gin/afeto* e *amizade feminina* se presta a afirmar a vasta gama, as gradações, as manifestações de Gin/afeto. Em uma sociedade misógina, todos os matizes de amizades femininas e Gin/afeto são tabu. Há muitas outras coisas codificadas neste tabu, para além do medo à sexualidade e ao erotismo Lésbicos. Na minha opinião, o medo masculino por excelência é à ameaça colocada pelo movimento pessoal e político que as mulheres empreendem na direção umas das outras, em todas as suas manifestações e matizes.

³⁰ Na escrita original, a autora forja o termo Lesbian Be-ing para tratar a existência lésbica como fundamentalmente distinta da existência de outras mulheres - a Lésbica não seria apenas uma mulher homossexual, mas uma mulher diferente das outras de inúmeras formas. Para preservar esse sentido, adoto a formulação Lesbian-dade, visto que a aceção comum do termo "lesbianismo" nos conduz à mesma definição de lésbica como mulher-homossexual. (N.T.)

O principal assunto deste livro - a amizade feminina - é considerado a partir do ponto de vista da filosofia. Como uma filosofia da afeição feminina - do Gin/afeto - este trabalho possui diversos objetivos.

Inicialmente, este é um tratado filosófico no sentido mais familiar do termo. Está preocupado com ideias sobre as amizades das mulheres. Está, também, preocupado com a discussão crítica e a especulação, dois métodos filosóficos honrosos. Existe uma longa tradição na filosofia masculina clássica - de Platão a Emerson - de ideias filosóficas acerca da amizade. É claro, os filósofos estimados são quase exclusivamente preocupados com as amizades entre homens. A maior parte deles considerou a amizade feminina como inexistente.

Este livro busca esmerilhar algumas das ideias que as mulheres tiveram acerca de suas amizades, bem como construir novas ideias. Tais pensamentos estiveram espalhados tanto no trabalho como nas vidas femininas ao longo das épocas. E por terem estado tão espalhadas, tornando-se irreconhecíveis na qualidade de ideias, nunca alcançaram a legitimidade e a aceitação na tradição filosófica, nem foram percebidas como passíveis de comunicar profundidade de pensamento filosófico. Aqui faço menção a ideias sobre amizade feminina contidas na poesia de Sappho, bem como aquelas expressas nas cartas e vidas de mulheres, conhecidas e desconhecidas, que viveram essas amizades e escreveram sobre elas, mulheres cuja existência e trabalho nunca foram valorizados pela sabedoria filosófica que, ainda assim, contêm.

Meu trabalho se preocupa com o reconhecimento destas vidas vividas, bem como com a geração de mais ideias sobre a amizade feminina. Muita filosofia já foi devotada à análise das ideias de outros. Portanto, meu anseio é também o de *filosofar*.

A filosofia é, por definição, o amor pelas ideias. Todas nós seríamos amantes de ideias - isto é, se soubéssemos como. Todavia, a sabedoria é, muitas vezes, difícil de perseguir. Da mesma forma, boas amigas são difíceis de se encontrar. Ainda assim, se conseguirmos encontrar onde está a amizade e como sustentá-la, encontraremos ambas: amizade e sabedoria.

A história da filosofia é a história das reflexões masculinas sobre as estruturas dos seres bem como da relação desses. Tal reflexão tem incluído estabelecer relações entre pessoas, eventos e objetos; analisar sistematicamente aquilo que se passa por realidade; e desafiar ideais, valores cristalizados, criando outros. A história da filosofia, em um sentido estrito, é a história do discernimento. Boa parte da filosofia tem sido animada pela busca de significados. Diferentemente da ciência, que evita o julgamento crítico, a filosofia nunca pode escapar dele.

A filosofia sobre a amizade feminina é uma parte da filosofia que nunca recebeu reconhecimento. Ela busca analisar as relações entre mulheres e o mundo. Examina sistematicamente aquilo que se passa por realidade - isto é, a heterorrealidade - e desafia os heterovalores e ideais a partir da criação de valores e ideais Gin/afetivos. A filosofia da amizade feminina é uma parte da história do discernimento feminista. E é animada pela busca feminina por significados.

A filosofia das amizades femininas não é, portanto, um empreendimento neutro. Ela está preocupada em gerar ideais e valores a partir da vida material das mulheres. Não é uma teoria objetiva, livre-pensadora, mas investida de paixão, crença e compromisso com a amizade

feminina. Ao mesmo tempo, ela não está separada dos fatos, materiais e objetivos, das afeições femininas mútuas. Este trabalho não busca segregar o conhecimento documentado, pesquisado e acadêmico das indagações apaixonadas. Elas precisam andar juntas. Portanto, este livro é em parte crítico-idealista, e em parte crítico-materialista, e parte do pensamento tradicional feminista (ver Capítulo V).

As filosofias feministas, especialmente as que são assertivas sobre a história, a importância e vitalidade das relações que as mulheres estabelecem entre si, trazem à tona acusações de "romantização" ou "essencialismo" quanto aos laços femininos. Mulheres que escrevem umas sobre as outras com paixão, crença ou compromisso são, frequentemente, acusadas de estarem sendo sentimentais, idealizando as mulheres em suas várias atividades.

Não é minha intenção essencializar, romantizar, sentimentalizar ou glorificar amizades femininas. Todavia, é intencional representar parte da história e da vitalidade das amizades femininas e especular sobre o poder de tais amizades nas vidas das mulheres. Retratar a paixão por, a crença na, e o compromisso com a amizade feminina que muitas mulheres tiveram, e a necessidade de tal paixão, crença e compromisso não deveriam ser reduzidas a termos como "romantizar" e "essencializar".

Em 1949, Simone de Beauvoir escreveu sobre a mulher como o "outro". O "outro" de Beauvoir, feminino, era um construto/tipo negativo, usado pela autora para sumarizar todas as maneiras pelas quais a mulher é produzida como um outro relativo ao homem - relativo ao homem como norma. Boa parte da teoria feminista se dedica, justamente, a delinear quão destrutivas são essas técnicas de produção da "outridade" feminina. Muito raramente tal "outridade" feminina tem sido referida como um constructo positivo ou tipologia, delineando as qualidades que as mulheres têm possuído, apresentando as dimensões positivas da história e da cultura das mulheres. Infelizmente, quando a "outridade feminina" é tratada como positiva, ela se refere à biologia da mulher, tanto por conservadores quanto por feministas radicais.

Minha contraproposta é comprovar que o lado positivo da "outridade" feminina está baseado na materialidade da cultura que as mulheres têm construído entre si através da história, em todas as culturas. Eu basearia a "outridade" feminina especialmente na cultura da amizade feminina - uma cultura que tem vitalidade, entusiasmo, um poder próprio que não residem em uma natureza feminina. As mulheres não têm nenhum componente "mais humano" em suas anatomias, sua unicidade não provém da sua diferença biológica em relação ao homem. Em vez disso, assim como qualquer contexto cultural distingue macho e fêmea, a "outridade" da mulher vem de sua cultura.

Este livro se apoia na cultura da amizade feminina. Ver a amizade feminina como uma consequência natural de uma natureza feminina seria simplista. A cultura da amizade feminina será retratada neste livro, mas não como algo puro, descomplicado, não como um estado de êxtase sem obstáculos. Ao mesmo tempo, porém, meu trabalho tentará registrar as amizades femininas em sua vitalidade cultural e dimensões empoderadoras.

A cultura da amizade feminina não é uma crônica ininterrupta de feitos maravilhosos, não sendo também o conto enlutado do fracasso e da separação. É uma afirmação e um testemunho de um fenômeno ainda em curso, de mulheres agindo como sujeitos que, em relação a si próprias e às outras, criaram paixão, objetivos e políticas. Esta tradição de amizade feminina, e seus desdobramentos no presente, precisa ser pensada, vivida e celebrada.

Portanto, como uma filosofia da amizade feminina, este trabalho é criticamente comprometido com o conceito de Gin/afeto. A amizade feminina não é uma categoria dada que

reside em alguma natureza ou essência feminina. Ela se forma nos compromissos culturais que mulheres têm firmado consigo mesmas e entre si, em face aos constantes assaltos da heterorrealidade, que as colocam "essencialmente" e "naturalmente" disponíveis aos homens. Esta é, de fato, a heterorrealidade, aquela em que a mulher é apresentada como servindo ao homem, baseada em uma visão biologizante e determinista.

É equivocado criticar as filosofias da amizade feminina enquanto glorificação da capacidade feminina de construir vínculos. É incorrer em um reducionismo indulgente que frequentemente tem servido para atacar qualquer pensamento feminista radical que celebra as afeições femininas como vitais e empoderadoras. Tais críticas confundem a pesquisa apaixonada com o pensamento romântico e sentimental.

Enquanto filosofia, este livro também pretende contribuir para o crescente corpo de literatura conhecida como "teoria feminista". Estamos em um momento da história e do pensamento feministas em que precisamos de teorias sistemáticas para analisar as amizades femininas - que também chamaremos de Gin/afeto - e, em oposição, as heterorrelações.

Ao desenvolver uma teoria das heterorrelações, pretendo representar a estrutura de um mundo criado por homens e voltado para as mulheres. Ao desenvolver uma teoria da amizade feminina, procuro representar o mundo tal como as mulheres imaginam que ele poderia ser. Muito da teoria feminista produzida até aqui buscou explicar a opressão das mulheres analisando-a no interior de outras opressões. É importante, nesta investigação, considerar a força das heterorrelações prioritária.

A teoria feminista tem perdido muito ao se tornar uma teoria do empoderamento feminino, em vez de uma teoria da opressão. A teoria feminista precisa levar em conta as forças que mantêm as mulheres sobrevivendo, bem como as forças que mantêm sua opressão. Uma teoria da amizade feminina pretende dar forma e expressão à maneira como as mulheres têm se valido por si mesmas e umas pelas outras.

As feministas têm lutado uma luta justa contra o patriarcado, mas também temos deixado a luta contra a opressão monopolizar a agenda feminista. É hora de pensarmos mais demoradamente no papel do feminismo em reunir mulheres. O alcance da teoria feminista precisa ser expandido para além da subordinação feminina aos homens e incluir a maneira como mulheres sustentam suas relações entre si.

Importantes trabalhos feministas têm sido escritos sobre a história e a teoria da opressão das mulheres. Basta ler o trabalho de Andrea Dworkin em *Pornography: Men Possessing Women*, o de Florence Rush em *The Best Kept Secret: The Sexual Abuse of Children*, e o de Kathleen Barry em *Female Sexual Slavery*, entre outras, para aprender a verdade da absoluta brutalidade da situação feminina. Mary Daly fez também importantes conexões e estabeleceu padrões entre atrocidades tais como a amarração dos pés na China, a mutilação genital em algumas regiões da África, o *sutee* indiano, a queima de bruxas na Europa e a ginecologia e psicoterapias estadunidenses.

Para a vida feminista, é importante entender e atuar no quadro geral da opressão das mulheres. Todavia, meu trabalho foca no fato de que é, em última instância, impossível sair desse "Estado de Atrocidade" (usando o termo de Mary Daly), senão da atrocidade em si, sem laços estratégicos entre mulheres. Para algumas mulheres, isso significa encontrar a Si próprias, isto é, sua amiga original; para outras, isso incluirá encontrar afeto, força e empoderamento de outras mulheres. A história do Gin/afeto, da Gin/autoridade, e da amizade feminina precisa ser contada junto à história de como fomos abusadas, espancadas, mortas. Por trás de muitas

mulheres aparentemente colonizadas, temos sido também fortes e obstinadas, temos encorajado a nós próprias e às outras.

A falta de Gin/afeto perpetuou o "Estado de Atrocidade". Por exemplo: a mãe que se recusa a reconhecer e impedir o abuso sexual de seu marido sobre sua própria filha, mantém a última em estado de atrocidade. A parente ou amiga que se torna instrumento para mutilação genital feminina ou a que amarra os pés de uma jovem, participam na continuação e na tradição da atrocidade feminina. Mulheres, apesar de serem apenas "torturadoras testa de ferro", têm mantido as mulheres escravizadas em diferentes níveis enquanto clamam e acreditam que estão dando a outras mulheres as ferramentas para sobreviver num mundo onde a sobrevivência destina as mulheres para os homens. A atrocidade por trás de todas as atrocidades é destinação das mulheres para os homens - através da mutilação, abuso, negligência.

Somando-se aos outros horrendos efeitos do "Estado de Atrocidade", existem as consequências de se transformar mulheres *não amáveis* para Si próprias, fazendo com que as mulheres se identifiquem com outras a partir da dor compartilhada, e não a partir da força compartilhada. Quando uma mulher vê uma irmã brutalizada através da história, ao longo de sua própria vida, em quase todas as culturas; quando uma mulher vê as infinitas variações dessa brutalidade e como pouquíssimas mulheres sobrevivem, o Gin/afeto é apagado da memória, e as mulheres deixam de ser afetadas por outras mulheres. O "Estado de Atrocidade" reforça a ausência de mulheres para Si mesmas e para as outras.

Da mesma forma, a ênfase unidimensional do "Estado de Atrocidade" na literatura feminista, na organização feminista, e no compartilhamento de experiências entre mulheres, pode acabar dando a impressão de que as mulheres de fato *existem* para o homem - não importando o fato de ter sido forçada a estabelecer esse vínculo - e que apenas os homens as podem sustentar e proteger³¹. Neste contexto, estou profundamente preocupada que a constante descrição das atrocidades contra mulheres, que precisam de fato ser encaradas e combatidas, leve à conclusão prescritiva de que os homens precisam participar de nossas vidas. A história do Gin/afeto é a contraparte vital da história da opressão feminina.

Se o Gin/afeto não se tornar uma parte intrínseca da plataforma política feminista, o feminismo não vai alcançar nem mesmo seus objetivos mais básicos em obliterar a mecânica, as instituições, e os efeitos da colonização, em todas as suas formas. As mulheres precisam se perguntar não apenas *contra* o que estamos lutando, mas *pelo que* estamos lutando. A destruição de todos os sistemas de opressão feminina e o desenvolvimento da amizade feminina andam de mãos dadas.

³¹ É interessante observar o quanto do discurso marxista está impregnado desta lógica. Tomemos por exemplo a afirmação de que "a libertação feminista é uma tarefa da classe trabalhadora em seu conjunto": como os homens têm poder sobre nós, nossa única liberdade só pode vir da fraterna abdicação desse poder como parte de um programa político maior, protagonizado pelo homem. (N.T.)

A história do Gin/afeto é a história de um grupo particular de mulheres. Tal história ainda não foi mapeada, e um dos objetivos da produção acadêmica sobre a amizade feminina deveria ser o de traçar linhas de descendência entre as mulheres que foram, são e podem ser amigas, isto é, traçar uma genealogia da amizade feminina.³²

A genealogia, na acepção mais comum do termo, traça linhas de descendência. Embora seja pensada majoritariamente como o traçado de linhas familiares, existem genealogias de grupos e raças também. Ao mapearmos a genealogia da amizade feminina, torna-se necessário traçarmos linhas de contato entre vários grupos de mulheres amigas, mostrando ancestralidades comuns.

Uma das maneiras de proceder é procurar semelhanças na diversidade. O método genealógico, ao demonstrar diferenças entre aqueles que estão sendo relatados, estabelece linhas de semelhança entre os grupos de mulheres em diferentes períodos da história e em culturas apartadas, aparentemente dessemelhantes. Como escreve Dale Spender,

Eu sei que a experiência das mulheres de hoje não é idêntica à experiência das mulheres no passado; eu sei que o tempo, a cor, a classe, a cultura, preferência sexual, idade, deficiência física, tudo isso influencia, de maneira inegável, a posição das mulheres na sua sociedade, moldando sua visão de mundo.

Dadas tais limitações, ainda estou inclinada a enxergar que enquanto mulheres temos a experiência comum de sermos mulheres em um mundo de homens [...] Nós compartilhamos a experiência da opressão pela mão dos homens; partilhamos a exclusão dos enquadramentos teóricos masculinos, nossa falta de conhecimento sobre o passado, nossa invisibilidade, nossa errância, nosso estado de erro.³³

Para além da experiência comum da opressão, muitas mulheres partilham o empoderamento feminino, isto é, do ser-mulher.

Uma vez que o objetivo do método genealógico é o de estabelecer linhas de contato entre diversos grupos de mulheres, ele desafia um relativismo cultural ou histórico cujo efeito é dividir as mulheres de seus Eus e das suas outras. Esta árvore genealógica, todavia, não é o traçado de linhas inteiriças, homogêneas. Está mais para a árvore cujos ramos em expansão apontam o paradeiro intersticial, não descoberto e esquecido do Gin/afeto.

Uma importante ferramenta da genealogia neste livro é olhar o pano de fundo das heteroteorias, heteroexplicações do fenômeno da mulher-identificação, e as "disciplinas" das heterorrelações. Por exemplo, heteroexplicações para a existência das resistências ao casamento na China racionalizam tal "desvio" retratando tal grupo como uma porção de mulheres que se reuniram em torno de uma necessidade econômica, ou por conta da escassez de homens em determinados períodos históricos, em vez de as reconhecerem como mulheres independentes que resistiram ao heteroconfinamento e escolheram viver a maior parte de suas vidas com suas iguais. Aquela que procurar pela genealogia da amizade feminina pode utilizar

³² O trabalho de Michel Foucault tem sido de grande ajuda, elucidando a prática da genealogia. Todavia, a filosofia foucaultiana sobre a história está enraizada em uma "filosofação" de uma visão de mundo pornificada. Discutirei isso detidamente no Capítulo I, ressaltando o desdém pelas mulheres que está presente, *sub rosa*, em suas teorias da linguagem e da história, e não tão escondidas assim em sua adulação a Sade e Bataille.

³³ SPENDER, Dale. *Women of Ideas and What Men Have Done to Them*. London: Routledge, 1982. p.14.

tais heteroexplicações olhando para seu *background*, procurando o que realmente querem dizer, aquilo que não está sendo dito, e trazer tais ideias à tona.

Quando examinamos as "disciplinas" heterorrelacionais em busca de pistas do Gin/afeto, quebramos as amarras das teorias heterorrelacionais, impostas sobre as mulheres que buscam por conhecimento. Encontraremos que, não somente tais teorias "disciplinaram" a memória do Gin/afeto, excluindo-a da existência acadêmica e social, como também encontraremos muitos medos masculinos, e o que eles acreditam serem ameaças das afinidades das mulheres entre si. Por exemplo, as medidas que homens têm tomado para suprimir o Gin/afeto de qualquer intensidade e forma costumam nos dar a medida do medo que os homens sentem das ligações que as mulheres estabelecem entre si.

Como ilustração, vejam a que ponto pode chegar a caricatura das Lésbicas como masculinas, imitadoras de homens; observem que tal coisa é um indicador do quanto os homens consideram-nas como mulheres "reais", ou seja, como mulheres que não foram feitas pelo homem. Da mesma forma, as maneiras pelas quais os homens têm descrito as Lésbicas como mulheres com medo de se relacionar com homens é um indicador agudo, na verdade, do reconhecimento da coragem Lésbica, isto é, da habilidade e da força destas mulheres em desafiar os padrões heterorrelacionais vigentes.

O olhar do pano de fundo das heteroexplicações e as disciplinas das heterorrelações cria uma *contramemória*³⁴. A contramemória é capaz de vislumbrar aquilo que se opõe às versões oficiais de um evento. Por exemplo, a história, a biologia e a psicologia heterorrelacionais nos contam que a mulher tem sido sempre e "naturalmente" atraída pelos homens. Se tal coisa é verdade, a contramemória questiona por que as heterorrelações precisam ser mantidas à custa de uma miríade de proibições contra o Gin/afeto, que vão da brutalidade da clitoridectomia, espancamento e servidão sexual até a assim chamada "pornografia leve", que mantém as mulheres "na linha" com um homem em particular ou com muitos, em geral.

A contramemória levanta a questão quanto a por que, de acordo com Freud, a mulher precisa transferir sua atração inicial pela primeira mulher de sua vida (sua mãe) para um homem se, como o próprio Freud reconhece, o Gin/afeto era sua atração original. Por anos, o pensamento psicanalítico postulou que a maturidade sexual feminina é obtida quando a mulher desvia-se de seu primeiro e original amor por uma mulher, direcionando-o a um homem. Tal fenômeno é comumente referido como o Complexo de Édipo feminino. A contramemória feminista, em sua busca pelas origens do Gin/afeto, precisa aprender o que se encontra por trás de tais afirmativas.

Michel Foucault ressalta que "a genealogia [...] opera em um campo de entrelaçamentos e confusão, em documentos que foram rasurados e reescritos muitas vezes [...]"³⁵. Usando a palavra "documentos" de maneira ampla, veremos que muita da documentação sobre os Gin/afetos é escassa e emaranhada, tendo sido já submetida à heterorrevisão. Vemos tal revisão acontecer em um trabalho de nosso próprio tempo, como no livro *The Life of Lorena Hickock, E.R.'S Friend*, de Doris Faber. O fato de que Franklin Roosevelt tenha tido amantes é tão americano quanto a torta de maçã. Todavia, a amizade devotada e, provavelmente, a relação sexo-afetiva que existiu entre Eleanor Roosevelt e Lorena Hickock foi percebida por Faber como

³⁴ A palavra é usada por Michel Foucault, *Language, Counter-memory, Practice: Selected Essays and Interviews*, ed. Donald F. Bouchard and Sherry Simon, trans. Donald F. Bouchard (Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1977).

³⁵ Foucault, *Language*, p.139.

uma aberração que a autora precisa racionalizar, suavizar, transmutar em alguma outra coisa, por fim desculpando-se por "isso". Faber conta às leitoras quão perplexa ficou quando descobriu o conteúdo de cartas que até então não haviam sido descobertas e examinadas. Faber ficou tão decepcionada com as revelações emocionais extraordinárias de tal correspondência, que tentou persuadir o diretor da F.D.R. Library de pospor, ou mesmo suprimir, o desfecho das cartas. Não o conseguindo, Faber se empenha arduamente ao longo do livro para "esclarecer" os fatos, emprestando uma perspectiva "contextual" a algumas cartas emocionalmente mais intensas, retratando Eleanor Roosevelt como uma "grande" mulher e Lorena como uma amiga vitimizada por baixa escolaridade, com uma pitada de abuso sexual infantil, em busca da pena de E.R.

Muita da documentação do Gin/afeto foi destruída, apagada ou tornada insignificante. Vera Brittain, em *Testament of Frindship*, anota que "as amizades masculinas têm recebido grande glória e aclamação, mas as amizades femininas [...] têm, em geral, sido não apenas esquecidas, mas caçadas, diminuídas e falsamente interpretadas."³⁶ Elizabeth Gould Davis aponta que, da biblioteca de Alexandria, que continha muita documentação centrada em mulheres, muito foi queimado.³⁷ A feminista acadêmica que buscar pela biblioteca e pesquisar informações sobre a história das mulheres é confundida pelas maneiras como os dados sobre mulheres têm sido catalogados ou deixados de lado. Livros feministas, velhos e novos, estão esgotados. As acadêmicas feministas parecem estar sempre começando tudo de novo, porque o trabalho das nossas irmãs foi enterrado ou apagado.

Finalmente, a genealogia não deve hesitar em escavar ruínas. O método genealógico não idealiza ou romantiza o Gin/afeto e suas possibilidades. Leva em consideração suas rupturas, traições, desonras, que têm efetivamente existido nas amizades femininas. Muito se pode aprender dos dissensos e desapontamentos que as amigas têm experimentado, e também isto faz parte da genealogia dos Gin/afetos. Como as mulheres em geral, as mulheres amigas têm se distanciado de seus Eus e têm, às vezes, rompido com seus próprios ideais. Nós cometemos erros históricos e sustentamos grandes derrotas. Procuo evidências da descendência nestes lugares (e não-lugares) onde o Gin/afeto se perdeu ou foi abandonado, assim como naquelas situações em que tem sido resgatado.

Meu método genealógico não está preocupado em definir relações causais, o posicionamento exato de cada pista ou fragmento vis-à-vis, leis gerais ou simetrias entre diferentes grupos de mulheres amigas, ou mesmo periodizações cronológicas. O que desejo estabelecer é uma *maneira* de traçar a genealogia, mais do que exaurir a genealogia da amizade feminina. Espero que este método genealógico - usando ferramentas e traçando linhas de contato, procurando semelhanças na diversidade, olhando o pano de fundo das explicações heterorrelacionais, estabelecendo uma contramemória, desembaraçando documentos confusos e escavando ruínas - revele o conteúdo bem como o método mesmo da genealogia da amizade feminina.

³⁶ BRITAIN, Vera. *Testament of Friendship: The Story of Winifred Holtby*. London: Macmillan, 1947. p.2.

³⁷ DAVIS, Elizabeth Goul. *The first sex*. Baltimore: Penguin, 1971. p.240.

A ênfase nos aspectos políticos do feminismo, expresso no antigo adágio "o pessoal é político", impediu que muitas reconhecessem que uma visão de mundo completamente feminista também precisa virar essas palavras ao contrário. Politizando áreas pessoais da vida feminina, não podemos ignorar ou erodir os laços afectivos que mantêm as mulheres juntas. Uma definição puramente política da palavra *feminismo* que acentue a opressão, a luta, o conflito e a resistência é circunscrita e limitada. É tão absurda quanto a interpretação marxista que vê a pessoa, em primeiro lugar, como trabalhador.

As feministas têm falado bastante a respeito dos ideais e realidades de comunidade e irmandade. Muitas escolas diferentes de feminismo têm enfatizado a natureza política do movimento e ação feministas no mundo. Eu sugeriria que tais discussões perderam alguma vitalidade e visão por terem desconsiderado a amizade feminina como a base para a comunidade. Portanto, o que frequentemente emerge na teoria feminista é uma caracterização de comunidades feministas baseadas em e derivadas de teorias esquerdistas de igualdade, carecendo de um sentido interior e mais profundo em relação às próprias mulheres. A amizade investe a realidade e a comunidade do feminismo com algo além. A amizade implica a noção de comunidade definida como uma "associação" de pessoas que interagem em regiões mais positivas de proporcionalidade, igualdade, que se preocupam mais com o bem-estar umas das outras, portanto infundindo o feminismo com mais energia vital e mais força de afeição - este é o sentido mais amplo de Gin/afeto. A amizade dá à irmandade a capacidade de se tornar Gin/afetiva. Dá espírito à irmandade.

Outro slogan que se tornou popular na presente onda do feminismo é "A sororidade é poderosa". (Em um recente livro de Robin Morgan, incluindo escritos de mulheres do mundo inteiro, também vemos a confirmação de que "A sororidade é global")³⁸. A necessidade por irmandade surgiu do reconhecimento de que mulheres eram e são oprimidas em todas as culturas através de todos os períodos da história. Na irmandade, feministas empreenderam uma luta contra todas as formas de tirania sobre a mulher - estupro, pornografia, espancamento, escravidão sexual internacional, e continua - e para perceber que as mulheres tinham muito em comum. A irmandade se tornou um meio de expressar o espírito comum de resistência global à opressão. O slogan "A sororidade é poderosa" assinalou a convergência das mulheres anteriormente separadas. Ideais de sororidade se tornaram materiais na literatura feminista, teoria e ação. Diferentes escolas feministas destacaram a necessidade de construir laços fortes de solidariedade e irmandade.

Nas duas últimas décadas, pudemos ver que, de fato, a sororidade é poderosa. Houve o aparecimento de centros para vítimas de estupro, livrarias feministas, abrigos para mulheres espancadas, clínicas para saúde da mulher, jornais feministas e revistas, programas de estudos da mulher, e toda sorte de conferências feministas. Todas essas coisas boas geraram solidariedade entre mulheres, mas muitas falharam porque, em minha opinião, não havia nada para criar coesão além do que chamo de "resistência comunal". Infelizmente, a irmandade que se criou na luta contra todas as formas de tirania masculina não significou que mulheres se tornassem amigas, que compartilhassem um mundo comum para além da própria luta. A

³⁸ MORGAN, Robin. *Sisterhood is Global*. New York: Anchor, 1984.

irmandade não criou automaticamente espaços, públicos ou privados, em que a amizade feminina pudesse ocorrer. Muitas mulheres que lutaram tanto e que acreditaram que irmandade da luta contra a tirania masculina lhes daria algo além, acabaram se queimando e desiludindo com as outras mulheres. As feministas também precisam se definir em relação à realidade das amizades femininas. Enquanto mulheres, precisamos existir umas para as outras. A amizade feminina dá profundidade e espírito à visão política feminista e é, em si própria, um ato profundamente político. Sem Gin/afeto, nossa política e lutas permanecerão superficiais, e será mais fácil nos sabotar. A mudança poderá ocorrer, mas talvez e apenas por tempo limitado e apenas em níveis que não abalem verdadeiramente a heterorrealidade. Quando mulheres são assertivas em seu poder na ausência de todas as formas de heterorrelação, nós somos assertivas em relação a nós mesmas. Isto seria, de fato, empoderamento.

Não é suficiente para as feministas dissecar o cadáver das patologias patriarcais. Não é suficiente para as mulheres retratar o estado de heterorrealidade. As mulheres nem sempre foram para os homens. Nós precisamos saber a genealogia das mulheres que não existiram e que não existem para os homens e que não sejam suas testas de ferro. E nós precisamos criar uma visão sobre o Gin/afeto. O que nós estamos procurando pode ser tão importante quanto o que estamos prestes a encontrar.